

O TEATRO DO OPRIMIDO DE AUGUSTO BOAL NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO E AUTOFORMAÇÃO

**MAURÍCIO MEZZOMO DIAS¹; GRAZIELE SOARES DE BARROS²; FABIANE
TEJADA DA SILVEIRA³**

¹ Acadêmico do Teatro – Licenciatura/UFPEL – mauriciomezzomo.ator@gmail.com 1

² Acadêmica de Teatro – Licenciatura/UFPEL – graziele.barros@yahoo.com.br 2

³ Professora Adjunta do curso de Teatro – Licenciatura CeArte/UFPEL –
ftejadadasilveira@ig.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente texto pretende relatar o andamento da pesquisa intitulada “O teatro do oprimido de Augusto Boal nos processos de formação e autoformação”. O tema principal do estudo enfoca a relação da teoria do teatrólogo brasileiro Augusto Boal, com a formação de professores.

Essa pesquisa é feita a partir do projeto de extensão “Teatro do Oprimido na Comunidade” (TOCO), o qual proporciona oficinas de teatro para comunidades periféricas da cidade de Pelotas. Essas oficinas são ministradas por estudantes do curso de Teatro-Licenciatura, os quais são os principais sujeitos da investigação nesta etapa do trabalho.

Desse modo, através das práticas dos licenciandos pretende-se responder a seguinte questão: “Como o teatro do oprimido de Augusto Boal contribui para a formação e autoformação dos sujeitos envolvidos nos processos desencadeados pelo projeto de extensão “Teatro do Oprimido na Comunidade”?”.

A partir desse questionamento tem-se como objetivo principal da pesquisa identificar pressupostos teórico-metodológicos nas interfaces do teatro com a educação para complementar o arsenal de conhecimentos produzidos no campo das pesquisas autoformativas. Além disso, também se objetiva identificar os aspectos que contribuem para a formação e autoformação dos sujeitos envolvidos e criar uma análise desse conjunto de fatores.

Como bases teóricas para a pesquisa utilizou-se livros de Paulo Freire que trazem parâmetros para reflexão acerca da formação e obras de Augusto Boal que referenciam o trabalho dos professores de teatro.

2. METODOLOGIA

A pesquisa de caráter qualitativo se desenvolveu ao longo de 2012 e 2013 com base nos dados coletados a partir das oficinas de teatro do oprimido. Nesses anos o projeto focou-se na Colônia Z3, comunidade de pescadores que fica na zona rural de Pelotas. Nessa comunidade atuamos nos espaços da escola do bairro. Em 2012 oferecemos oficinas no horário inverso, porém teve pouca procura, por isso em 2013 optamos por fazer um trabalho no horário curricular das disciplinas obrigatórias.

A partir dessas experiências os professores em formação criaram memoriais, nos quais expuseram as contribuições do projeto para sua formação e autoformação. Escolheu-se esta abordagem, pois se acredita que essa metodologia vem ao encontro dos pressupostos autoformativos da pesquisa. O sujeito da pesquisa irá refletir sobre sua própria prática para criar o objeto de análise da pesquisa.

Mesmo assim, é interessante ressaltar que essa análise será baseada em todo o contexto que cerca esse sujeito. A pesquisa com o caráter autoformativo traz resquícios do sujeito, de sua vivência anterior e de toda a formação que ele já acumula. Sendo assim, a partir dessa “bagagem” se acrescenta a experiência com o projeto de extensão em questão.

Essa postura reflexiva de autodesenvolvimento docente confirma o professor como um crítico da sua própria trajetória educacional, o qual pensa no que faz, demonstrando um comprometimento com a profissão, sendo capaz de tomar decisões e de ter opiniões próprias com liberdade e autonomia. Esse processo se constitui uma prática contextualizada, expressiva de um plano maior de realização pessoal, o que ratifica que o conhecimento e as aprendizagens assumem a cor e a feição dos ambientes e das pessoas que os constroem. (TEIXEIRA, 2011, p.67).

Dessa forma, o licenciando torna-se consciente da construção do seu percurso formativo.

Essa pesquisa toma por base constructos teóricos de Paulo Freire, que em seu livro “Pedagogia da Autonomia” dispõe sobre diversos pontos cruciais para a formação do professor. Aqui nos atemos à reflexão crítica sobre a prática, essencial ao docente em formação. É dizer que não podemos olhar para a experiência como uma informação única, sem maiores interpretações. O professor precisa questionar sua prática diariamente, de modo que os fatos percebidos como oriundos dessa prática estejam em permanente questionamento e reconstrução.

Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE, 1996, p. 43).

Sendo assim, essa reflexão que deve ser feita pelo próprio docente em formação é a metodologia essencial de nossa pesquisa. Acreditamos que o próprio aprendiz tem a capacidade de trilhar e se “autoformar” a partir da prática e das orientações pedagógicas do professor formado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Poderíamos dizer com Novoa (apud TEIXEIRA, 2010), que toda formação é uma autoformação, ou com Freire (1996) que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (p.25), pois toda ação no mundo é retroativa ao sujeito agente. Também devemos esclarecer que todo sujeito é histórico e que carrega consigo tanto a história do mundo quanto a história pessoal. Somos perpassados por relações que nos constituem e que constituem o futuro das nossas relações.

Uma infinidade de variáveis funda o sujeito e o professor não é diferente. Ser professor é lidar com multiplicidades. No momento em que participa da formação do sujeito, transforma a si mesmo e sua própria condição no mundo.

Ao escolhermos certos referenciais adotamos impreterivelmente uma posição ideológica. Optando por uma orientação metodológica baseada no

pensamento de Freire e Boal, escolhemos uma forma de perceber e agir no mundo que exige uma coerência que conduz esse processo.

Ser coerente no sentido freireano não é uma tarefa fácil, mas como sujeitos conscientes do inacabamento¹ é nosso dever estar o tempo todo reavaliando nossa prática pedagógica. Por isso devemos alicerçar nossa autoformação na práxis², ou seja, a prática não desvinculada da reflexão teórica. E por isso, para construir essa pesquisa sobre formação e autoformação, paramos em determinados momentos para escrever os memoriais sobre nossa experiência enquanto professores, como importante ato reflexivo. Não queremos afirmar que a práxis aconteça em momentos distintos, pois tanto a escrita de um memorial quanto uma aula são ao mesmo tempo prática e reflexão da prática. Estas são, porém, instâncias diferentes de um mesmo processo: a construção do ser professor.

No decorrer dos últimos dois anos (2012/13), construiu-se uma experiência educativa na área do teatro na comunidade de pescadores Z3 localizada na cidade de Pelotas. Este foi um importante passo no processo de formação e autoformação dos sujeitos pesquisados/pesquisadores, pois foi ali que surgiram as mais relevantes inquietações e reflexões presentes neste e em outros momentos da pesquisa.

As atividades na comunidade foram interrompidas ao final do primeiro semestre de 2013, agora encontramos o processo em fase de desenvolvimento das reflexões sobre a prática realizada, na qual se constroem os memoriais com vistas a revisitar os principais pontos que contribuam para a pesquisa.

4. CONCLUSÕES

Em 2012 fizemos uma revisão bibliográfica bastante detalhada passando pelas bibliotecas digitais de muitas universidades, pelo site da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), além de algumas revistas científicas, tanto da área teatral como da educacional.

Nessa busca encontramos apenas dois artigos sobre formação de professores de teatro baseado na teoria de Augusto Boal, escritos por Cilene Nascimento Canda. Esses artigos encontram-se disponíveis no site da ABRACE, são eles: “A estética política do teatro do oprimido: uma metodologia de formação docente?” (apresentado na V reunião científica de pesquisa e pós-graduação em artes cênicas, 2009) e “Teatro do Oprimido e formação de professores: reflexões sobre emancipação humana e social” (apresentado no VI congresso de pesquisa e pós-graduação em artes cênicas, 2010).

No entanto, nota-se que a autora não toma o viés da autoformação, como nossa pesquisa o faz. Além disso, a teoria do teatro do oprimido é bastante vasta e é preciso muitas pesquisas para abarcar as inúmeras possibilidades reflexivas que essa teoria nos proporciona. Sendo assim, concluímos que nossa pesquisa

¹ “A concepção antropológica de Freire é marcada pela ideia de que o ser humano é um ser inacabado; não é uma realidade pronta, estática, fechada. [...] Estamos sempre nos fazendo, refazendo, começando, recomeçando. O humano não é, ele se conquista, faz-se por meio de suas ações no mundo, na história. Em cada ponto de nossa vida, não somos ainda tudo o que poderíamos ser e o que ainda poderemos vir a ser. [...] Nenhum humano é jamais tudo o que pode ser. Há sempre mais a saber, a amar e a fazer. O humano jamais acaba de tornar-se humano.” (TROMBETTA; TROMBETTA, 2010, p. 221).

² “Práxis pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a conseqüente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora. [...] É uma síntese entre teoria-palavra e ação.” (ROSSATO, 2010, p. 325).

tem um papel relevante, de caráter inovador, para o campo teórico que analisa as interfaces entre o teatro e a educação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDA, Cilene Nascimento. **A estética política do teatro do oprimido: uma metodologia de formação docente?**. Anais da V Reunião Científica (ABRACE), 2009. Acessado em 25 Jul. 2013. Disponível em:
 <http://www.portalabrace.org/vreuniaio/textos/pedagogia/Cilene_Nascimento_Canda_-_A_estetica_politica_do_teatro_do_oprimido.pdf>

CANDA, Cilene Nascimento. **Teatro do oprimido e formação de professores: reflexões sobre emancipação humana e social**. Anais do VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), 2010. Acesso em 25 Jul. 2013. Disponível em:
 <http://www.portalabrace.org/vicongresso/pedagogia/Cilene%20Canda%20-%20Teatro%20do%20Oprimido%20e%20forma%e7%e3o%20de%20professores_%20reflex%5es%20sobre%20emancipa%e7%e3o%20humana%20e%20social.pdf>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ROSSATO, Ricardo. PRÁXIS. in: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TEIXEIRA, Francisca dos Santos. **Narrativas de autoformação docente: desvelando modos de ser e de fazer-se professor**. 2011. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí. Acesso em 25 Jul. 2013. Disponível em:
 <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/DISSERTACAO%20COMPLETA2Francisca.PDF>>

TEIXEIRA, Francisca dos Santos. **O desenvolvimento docente na perspectiva da (auto)formação profissional**. Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação (PPGED/UFPI), 2010. Acesso em 25 Jul. 2013. Disponível em:
 <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.3/GT_03_09_2010.pdf>

TROMBETTA, Sérgio; TROMBETTA, Luis Carlos. INACABAMENTO. in: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.